

**Valéria Faria Cardoso**  
(Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT))

## Sistema de marcação de caso em Terena (Aruák)

**ABSTRACT:** This paper attempts to convey an analysis of codifying mechanisms of case in Terena language of Aruak family. Palmer (1994) and Blake (1994)'s functional-typological framework and mainly Dixon (1979 e 1994)'s work supported the analysis drawn by. When codified by mechanisms of cross reference, morphological markers of case and word order, S, A and O grammatical functions in Terena point to different alignments – nominative/accusative, ergative/absolute. All of them are the result of floating and split marking of case oriented to nominative/absolute. As we consider the conditioning of intransitive split that another split is consolidated. That's our conclusion: the main conditioning to split intransitive construction in Terena language is related to the NPs semantic nature.

**Keywords:** Indigenous languages; Case system; Terena language; Arawak language family.

**RESUMO:** O presente artigo propõe uma análise dos mecanismos de codificação de caso em terena, uma língua classificada como pertencente à família aruák. A análise será norteada pela abordagem funcional-tipológica baseada nos trabalhos de Palmer (1994), Blake (1994); e, principalmente, nos trabalhos de Dixon (1979 e 1994). Em Terena, as funções gramaticais S, A e O, quando codificadas pelos mecanismos de referência cruzada, marcação morfológica de caso e ordem de constituintes apontam para distintos alinhamentos, ora nominativo/acusativo, ora ergativo/absolutivo, resultantes de uma marcação fluida e cindida de caso orientado para o nominativo/absolutivo. A análise de tal cisão é aqui consolidada à medida que se pondera a respeito dos fatores condicionadores de cisão intransitiva, o que aponta para o seguinte: é o condicionamento dado pela natureza semântica dos SNs o principal fator condicionador da intransitividade cindida na língua terena.

**Palavras-chave:** Línguas indígenas; Sistema de caso; Terena; Aruák.

### 1. Introdução

A língua terena é falada na região dos rios Aquidauana e Miranda, afluentes do rio Paraguai, no Estado de Mato Grosso do Sul e, há quase um século, é também falada no Estado de São Paulo, quando transferidos para uma área indígena nhandeva (guarani), no município de Avaí (Rodrigues 1994). Em se tratando do grau de vitalidade linguística terena, entende-se que, se por um lado a língua é falada por um considerável número de pessoas, estimado em 20.000, por outro, o uso cotidiano desta língua tem-se manifestado de modo desigual entre as comunidades indígenas. Há comunidades bilíngues em que pouco se fala o português, embora em outras, a população terena é quase toda monolíngue nessa língua, à exemplo da aldeia urbana localizada na capital do Estado de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

Terena é classificada como uma língua pertencente à família aruák, que segundo Aikhenvald (1999), é a família linguística que agrupa maior número de línguas indígenas da América do Sul. Atualmente, no Brasil são faladas 16 línguas aruák, são elas: apurinã (AM, AC), baniwa do içana (AM), kámpa (axaninka – AM, AC), kuripáko (AM), maxinéri (AC), mehináku (MT), palikúr (AP), parecí (MT), salumã (MT), tariána (AM), teréna (MS), kinikinau (MS),<sup>1</sup> wapixána (RR), warekéna (AM), waurá (MT) e yawalapití (MT) (Rodrigues 2013).<sup>2</sup>

O presente artigo propõe uma análise dos mecanismos de codificação de caso em terena numa perspectiva teórica funcional-tipológica. Os mecanismos de codificação de caso dizem respeito inicialmente à relação entre o verbo e as funções gramaticais de seus argumentos. Os estudos concernentes à abordagem funcional-tipológica, além de tratar de características tipológicas de diferentes línguas do mundo, levam em conta os distintos padrões de alinhamento e os critérios de codificação dos mesmos, tais como: os paradigmas verbais (transitivo/intransitivo); o sistema de referência cruzada; as funções gramaticais dos sintagmas nominais e a ordem de constituintes. Por fim, considerando uma explanação teórica do tema desenvolvido a partir desta abordagem funcional-tipológica, baseada nos trabalhos de Palmer (1994), Comrie (1981); e, principalmente, nos trabalhos de Dixon (1979 e 1994) é que se propõe aqui uma análise primeira do *sistema de marcação de caso para a língua terena (aruák)*.

## 2. Da pesquisa

No estado de Mato Grosso do Sul (MS), a língua terena (aruák) é falada em comunidades indígenas que se localizam junto às cidades sul-mato-grossenses Miranda, Campo Grande, Nioaque, Aquidauana, entre outras. Nessa pesquisa, os dados linguísticos são provenientes da coletas de dados elicitados juntamente com o colaborador terena (de/em Campo Grande-MS) e também em entrevistas efetuadas por meios eletrônicos. Ambas pautadas em uma metodologia de trabalho de campo preconizada por autores como Samarin (1967); Comrie & Smith (1977); Bouquiaux e Thomas (1992).

Essa metodologia que também conta com um significativo procedimento baseado nas diretrizes de Matthewson (2004). Para esta autora é “...indispensable el trabajo con datos construidos para abordar la semántica de lenguas poco estudiadas formalmente”. A partir disso, relewa-se a necessidade de elaboração e aplicação de questionários de elicitación de dados para cumprir, a exemplo, como coleta dos paradigmas de pessoa e número referentes às distintas funções gramaticais dos argumentos verbais. Uma vez que, enquanto instrumento de pesquisa, a coleta de dados com questionários é aqui entendida como procedimento científico que serve a um objetivo formulado de pesquisa, podendo ser sistematicamente planejado; sistematicamente registrado a proposições mais gerais, e submetido a verificação e controles de validade e precisão.

---

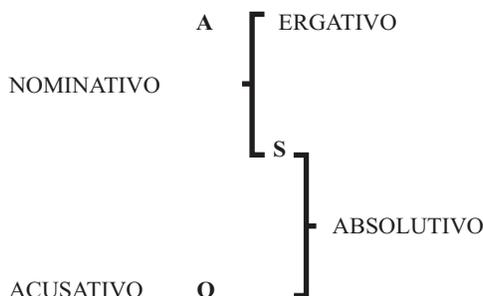
<sup>1</sup> Kinikinau, língua da família aruák, acrescentada aqui à listagem. Esta teve sua descrição e análise linguística realizada por Souza (2008).

<sup>2</sup> Os nomes das línguas indígenas citados seguem a escrita usada pelo autor (Rodrigues 1994) que, por sua vez, segue a convenção da escrita dos nomes dos povos e línguas indígenas (ABA 1953).

### 3. Abordagem funcional tipológica: Conceitos fundamentais

Conforme Zúñiga (2006), desde a década de 70 tem-se desenvolvido várias pesquisas linguísticas referentes *aos sistemas de marcação de caso e seus respectivos alinhamentos*. Para o autor, um dos conceitos fundamentais que deve ser introduzido desde o início de uma discussão a respeito de sistema de marcação de caso é o de *papel gramatical*. Dixon (1994) propõe que as funções gramaticais S, A e O (ou papéis gramaticais) sejam entendidas como funções/relações primitivas e universais. O autor usa O, em vez de P, sendo aquele derivado de *Object*, objeto transitivo. Segundo o modelo SAO,<sup>3</sup> a *função gramatical S* é aquela ocupada pelo único argumento de uma sentença intransitiva. Quanto aos argumentos de uma sentença transitiva, tem-se que o SN em *função de A* é aquele que denota prototipicamente ser o controlador ou iniciador de um estado de coisas e o outro SN em *função de O* é aquele que denota prototipicamente ser o participante afetado pelo estado de coisas.

Relação gramatical ou alinhamento diz respeito à relação entre o verbo e as funções gramaticais de seus argumentos. Assim, identificam-se inicialmente os seguintes padrões alinhamentos (cf. figura 1):



**Figura 1:** Sistemas nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo (Dixon 1994: 9)

A figura (1) sintetiza que, em línguas de sistema nominativo-acusativo A e S naturalmente se agrupam e, em línguas de padrão ergativo-absolutivo S e O é que se ligam.

Comrie (1981) tomando como base os tipos de agrupamentos possíveis de serem estabelecidos entre S, A e O (por meio do modelo SAP) chega a cinco tipos logicamente possíveis de padrão de alinhamento. São eles:

- A. *Neutro*: mesma marca morfológica - que pode ser nula - é atribuída a S, A e P.
- B. *Nominativo-acusativo*: mesma marca morfológica - caso nominativo - para S e A, e uma marca diferente - caso acusativo - para P.
- C. *Ergativo-absolutivo*: mesma marca morfológica para S e P – caso absoluto - e uma marca morfológica diferente para A – caso ergativo.

<sup>3</sup> Comrie (1981) e Palmer (1994) propõem símbolos diferentes dos usados no modelo SAO de Dixon (1979 e 1994). Aqueles autores adotam os símbolos S, A e P derivados, respectivamente, dos termos Sujeito, Agente e Paciente.

- D. *Tripartido*: marcas morfológicas distintas para S, A e P.
- E. Tipo ainda não atestado como um sistema consistentemente atuante na marcação de caso. Tem-se a mesma marca morfológica para A e P, e uma marca morfológica distinta para S.

Comrie expõe sobre os porquês de, entre os tipos de agrupamentos logicamente possíveis, dois deles (B e C) serem encontrados em quase todas as línguas do mundo. Segundo o autor, isso se deve ao fato de, em sentenças mono-argumentais, existir somente um SN, não sendo necessário, portanto, sob o ponto de vista funcional, marcar esse SN de alguma forma que o distingua de outros SNs. No entanto, sentenças de mais de um argumento, porém, a menos que haja outra forma de marcar a diferença entre A e P, tal como a ordem de palavras, a ambiguidade é repelida através de um sistema de marcação de caso. Não sendo necessária a distinção entre S e A ou entre S e P, uma vez que eles não ocorrem em uma mesma sentença, o caso atribuído a S pode ser usado para um dos dois argumentos de uma sentença transitiva. A partir disso, têm-se os dois sistemas de marcação de caso predominantes nas línguas do mundo - nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo – em que S pode ser identificado com A (num arranjo nominativo) ou com P (num arranjo ergativo).

Comrie (1981) adverte sobre a existência de línguas que “misturam” dos dois principais padrões gramaticais (o ergativo e o acusativo). Dixon (1994) descreve essa “mistura” de termos de *Sistemas de Cisões* (cf. seção 5). Abaixo, reapresenta-se os dois sistemas de alinhamento apontados anteriormente, agora a partir de figuras desenvolvidas por Dixon (cf. fig. 2 e 3) e, na sequência, apresenta-se figuras que representam os dois tipos de sistemas de cisões descritos por esse autor, o sistema de Cisão-S (*Split-S*) e o sistema de Fluido-S (*Fluid-S*) (cf. fig. 4 e 5).

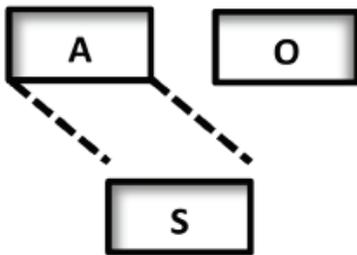


Figura 2: Sistema Acusativo

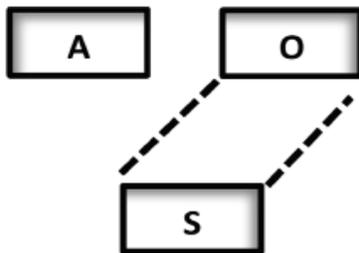


Figura 3: Sistema Ergativo

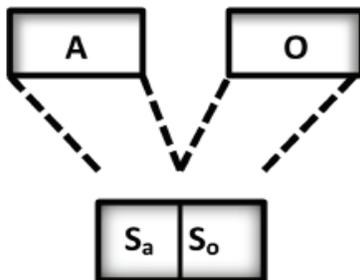


Figura 4: Sistema Cisão-S (*Split-S*)

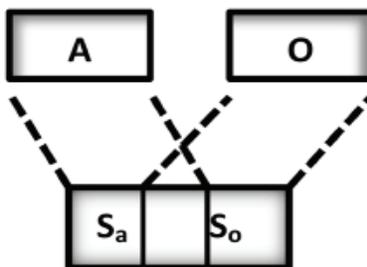


Figura 5: Sistema Fluído-S (*Fluid-S*)

Em suma, no sistema de Cisão-S e no de Fluído-S, os verbos intransitivos são divididos por dois conjuntos, um com  $S_a$  (S marcado como A) e outro com  $S_o$  (S marcado como O).

Segundo Dixon, os termos *ergativo* e *ergatividade* e *acusativo* e *acusatividade* podem ser usados para descreverem o caminho em que funções sintáticas dos argumentos predicativos são marcadas em sentenças transitivas e intransitivas, isto é, se S é marcado num mesmo caminho que O e diferentemente de A (num arranjo ergativo), ou se S é marcado no mesmo caminho que A e diferentemente de O (num arranjo acusativo). Dixon trata este tipo de descrição como *ergatividade/acusatividade morfológica* ou *intra-clausal* (Cardoso 2012).

#### 4. Mecanismos de codificação das funções SAO em Terena

A distinção entre as funções gramaticais A e O transitivas e a função gramatical S intransitiva em sentenças independentes da língua terena dar-se-á pela observância dos mecanismos de codificação de caso já mencionados: i) *referência cruzada* (concordância ou correferência); ii) *marcação morfológica de caso* (flexão, partículas ou adposições), e iii) de *ordem de palavras* (ou ordem de constituintes).

#### 4.1. Referência cruzada

Numa visão geral, em que se considere que a padronização por afixos pronominais em palavras verbais como mecanismo de referência cruzada ocorre quando um verbo principal ou um auxiliar que contem afixos que categorizam pessoa e/ou número, ou gênero estando estes vinculados a um determinado SN. Se um conjunto de afixos correferem-se a um SN de função de S ou A, com outro conjunto de afixos diferente para correferir-se ao SN em função de O, esta língua pode ser caracterizada como nominativo-acusativo no nível intra-clausal. A característica de língua ergativa-absolutiva dá-se quando um conjunto de afixos correferem a S ou a O, e outro conjunto de afixo refere-se a A. Em terena, a padronização entre as funções de A e S, distinta de O, num alinhamento do tipo *nominativo-acusativo*. Observa-se o quadro (1).

**Quadro 1:** Afixos codificadores de pessoa e número e das funções S, A e O.

Pessoa e Número	Prefixo Codifica (A = S) Nominativo	Sufixo Codifica (O) Acusativo
1SG	[+NASAL]	{-nu}
2SG	{y-} ou [+ANTERIOR] [+ALTO]	{-pi}
3SG	{ Ø- }	{-a}
1PL	{v-}	{-vi}
2PL	{y- -noe} ou {+ANTERIOR -noe}	{-pi -noe}
3PL	{ Ø- -hiko}	{-a -hiko}

Apresenta-se, a seguir, dados da língua terena em duas categorias. Na primeira, estão os dados em que as funções de A e S (nominativa) são codificadas por *prefixos* de 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular e do plural. Na segunda, estão todos os *sufixos* de pessoas e números codificadoras da função O (acusativa).<sup>4</sup>

##### 4.1.1. Prefixos pronominais que codificam as Funções de A e S –Nominativo em terena

*1ª. Pessoa do Singular (A=S)* - dá-se pela “inserção de um traço suprasegmental [+ NASAL] no verbo” (Nascimento 2012).

- (1) a. nonjoahiko +N {x > nj}  
 nonjo-a-hiko  
 1SG+NOM-ver-3-PL+AC  
 ‘eu os vejo’

<sup>4</sup> Ressalta-se a descrição dos processos morfológicos presentes na indexação dos marcadores de pessoa e número verbal terena.

- b. ãmõngo +N {k > ñg}  
 ãmõngo<sup>5</sup>  
 1SG+NOM dormir  
 'eu dormi/o'

2ª. Pessoa do Singular (A=S) – realiza-se por meio do prefixo {y-}. Ou em verbos iniciados por consoantes, pela inserção do traço [+ANTERIOR], [+ALTO] na vogal da primeira sílaba, ou na primeira vogal capaz de receber esse traço.

- (2) a. nexonu [+ANTERIOR] {o > e}  
 nexo-nu  
 2SG+NOM-ver-1SG+AC  
 'você me vê'
- b. yuporiti  
 y-uporiti  
 2SG+NOM-magro  
 'você é magro/a'

3ª. Pessoa do Singular (A=S) – recebe a marca {Ø-}

- (3) a. noxovi  
 Ø-noxo - vi  
 3SG+NOM ver-1PL+AC  
 'ele nos vê'
- b. oko'ikoneye imokopo  
 oko'ikoneye Ø -imokopo  
 cedo 3SG+NOM-dorme  
 'ele/a dorme/iu cedo'

1ª. Pessoa do Plural (A=S) - verbos iniciados em vogal recebe o prefixo {v-}. Em distribuição complementar a esta marca, quando o verbo se inicia por consoante, marca-se a 1ªPL com o pronome livre ùti (cf. 12).

- (4) a. vikorokoane  
 v-ikoroko-a-ne  
 1PL+NOM-derrubar-3SG+AC-PERF  
 'nós já o derrubamos'
- b. oko'ikoneye vimokopo  
 oko'ikoneye v-imokopo  
 cedo 1PL+NOM-dorme  
 'Nós dormíamos cedo'

<sup>5</sup> Os dados, a depender de suas distintas fontes, ora são apresentados foneticamente, ora ortograficamente. Quando foneticamente levam os seguintes fones [p, t, k, ʔ, v, ʃ, s, ʃ, h, mb, nd, ñg, nz, nʒ, m, n, ɲ, l, r, i, i:, u, u:, e, o, e, o, a, a:], quando por ortografia, os seguintes grafemas <p, t, k, ', v, s, x, h, r, mb, nd, ng, nj, nz, g, l, m, n, j, a, e, i, o, u, y>.

2ª. Pessoa do Plural (A=S) - verbos iniciados por vogal recebem o prefixo {y-} + o sufixo plural {-noe}. Com verbos iniciados por consoante recebem o traço [+anterior] na vogal da primeira sílaba ou na primeira vogal capaz de recebê-lo + o sufixo plural {-noe}.

- (5) a. kirokoti<sup>noe</sup> kipo'e [+ALTURA] {e > i}  
 kiriko-ti-**noe** kipo'e  
 2+NOM-jogar-IMPF-PL futebol  
 'você<sup>s</sup> estão jogando futebol'
- b. yehakovonoe (COM VOGAL INICIAL) {y- -noe}  
 y-ehakovo-**noe**  
 2+NOM correr-PL  
 'você<sup>s</sup> correm'

3ª. Pessoa do Plural (A=S) – recebe a marca {Ø} + o sufixo plural {-hiko}

- (6) a. noxonutihikomo  
 Ø-nóxo -nu-ti-**hiko**-mo  
 3+NOM-ver-1SG+AC-IMPF-PL-FUT
- b. ehakovohiko  
 Ø-ehakovo-**hiko**  
 3+NOM -correr-PL  
 'eles correm/iam'

#### 4.1.2. Sufixos pronominais que codificam as Funções de O – Acusativo em terena

1ª. Pessoa do Singular (O) – recebe o sufixo {-nu}

- (7) hopi-ʃ-o-**nu** nɛ João:u (Rosa e Souza 2011:147)<sup>6</sup>  
 convidar-t-real -1SG+AC part João  
 'João me convidou'

2ª. Pessoa do Singular (O) – realiza-se por meio do sufixo {-pi}

- (8) nonjopi  
 nonjo-**pi**  
 1SG+NOM.ver-2SG+AC  
 'eu te vi/via'

3ª. Pessoa do Singular (O) – recebe o sufixo {-a}

- (9) visukoa  
 v-isuko-**a**  
 1PL+NOM-bater-3SG+AC  
 'nós batemos nele'

<sup>6</sup> Além dos dados coletados com o colaborador terena, apresenta-se aqui outros dados de fontes distintas que são descritos e glossados em conformidade à proposta de análise do presente trabalho.

1ª. Pessoa do Plural (O) – marca-se com o sufixo {-vi}

- (10) pore-ʃ -ə-vi                      ituwoʃĩ ne                      hojeno (Rosa 2010: 122)  
 dar-t-real -1PL+AC                      flores PART                      homem  
 ‘o homem nos deu flores’

2ª. Pessoa do Plural (O) – marcada como o sufixo {-pi} + plural {-noe}.

- (11) noxopinoe                      ûti  
 noxo-**pi-noe**                      ûti  
 ver-2+AC-PL                      1PL+NOM  
 ‘nós vimos vocês’

3ª. Pessoa do Plural (O) – recebe a marca {-a} + o sufixo plural {-hiko}.

- (12) nonjoahiko  
 nonjo-**a-hiko**  
 1SG+NOM-ver-3+AC -PL  
 ‘eu os vejo’

O fato das sentenças transitivas serem marcadas por conjuntos de pronominais indexados aos núcleos verbais de modo a distinguir as funções de A e O por dois mecanismos distintos, ou melhor, há dois conjuntos de afixos pronominais que compilam, separadamente, a função de A e a função de O, vem corroborar com a classificação de língua terena como língua de tipologia morfológica aglutinante (Aikhenvald 1999).

Havendo o preenchimento de SN com núcleos pronominais livres em função da A e S nominativos (não havendo formas pronominais livre em função de O acusativo, em terena), os mesmos nunca concordam com os afixos pronominais verbais (quadro 1), ambos estão em *distribuição complementar*. Havendo formas pronominais presas aos núcleos verbais terena, não há pronominais livres, nas funções de A ou de S, que àquelas sejam vinculadas (cf. quadros 2 e 3).

Quadro 2: Pronomes livres em terena

Pessoa e número	Pronomes livres
1SG –	undi
2SG –	iti
1PL –	uti
2PL -	iti- {-noe}
3SG/PL	Ø

Quadro 3: Pronomes livres em função de A e S em terena

Pessoa e número	Pronomes livres ( <i>função de A ou S - nominativo</i> )
1SG –	ko'ituke-ti-mo <b>undi</b> kavane-ke (Silva 2013: 67) trabalhar-IMPF-FUT eu      roça-LOC 'eu estou trabalhando na roça'
2SG –	piho-ti-mo <b>iti</b> (Nascimento 2012: 96) ir –IMPF-FUT      você 'você vai depois'
1PL –	niko-a <sub>i</sub> <b>uti</b> ne hoé <sub>i</sub> comer-3SG+AC      nós      PART peixe 'nós comemos/iamos peixe'
2PL -	<b>iti-noe</b> kaha'a      hoe você      querer      peixe? 'você querem peixe?'
3SG/PL-	ko'ituke-ti-hiko-mo <b>Ø</b> kavane-ke trabalhar –IMPF-PL-FUT      ele      roça-LOC 'eles estão trabalhando na roça'

Em terena, há apenas um pronominal que codifica a função de O, o afixo pronominal de 3ª pessoa (SG /PL). Quando ocorre os afixos de 3ª pessoa do singular {-a} junto à estrutura morfológica verbal terena, esse correfere-se ao SN em função de O (cf. 13).

- (13) *íti*      *niko-a<sub>i</sub>*      *ne*      *panãna<sub>i</sub>*  
 você+NOM      comer-3SG+AC      part      banana  
 'você comeu a banana?'

Em suma, no que se refere ao mecanismo de referência cruzada em terena, tem-se que as funções S e A são codificadas pelo mesmo conjunto de afixos pronominais nominativos que não se correfere à SN plenos por estarem em distribuição complementar. Quanto à função O acusativa, essa também não possui correferência entre afixo pessoal e SN pleno para as primeiras e segundas pessoas, já para as terceiras pessoas (SG /PL) ocorre a correferência com o SN pleno.

Para análise dos sintagmas nominais plenos de sentenças independentes transitivas da língua terena, passa-se a tratar do segundo mecanismo de distinção gramatical das funções de A e O, o mecanismo de marcação morfológica de caso.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> A função de S será analisada no subtópico.

## 4.2. Marcação de caso morfológico

Em terena, uma língua sobretudo de *argumentos pronominais*, quando há SNs plenos, o núcleo verbal ocorre sem marcas afixais codificadoras de pessoa e número. Para que haja a distinção entre A e O, uma partícula  $\{ne\}$  ou  $\{ra\}$  ocorre junto ao SN em função de O (cf. 14). Já no SN em função de A, ocorre a ausência da partícula  $\{\emptyset\}$  (cf. 14'). Propõe-se, aqui, que a partícula que ocorre em SN de função de O é um elemento de identificação de caso acusativo.

Segundo Dixon (1994), numa língua nominativa/acusativa, a realização zero nunca pode marcar o acusativo. Assim, a função A, com realização zero para marcação de caso, é nominativa. Deste modo, entende-se que nas línguas de sistema nominativo/acusativo, o nominativo é aquele caso morfológicamente não marcado e o acusativo aquele caso marcado, ou melhor, nestas línguas, o nominativo é fonologicamente e morfológicamente não marcado, enquanto o acusativo envolve uma marca não zero  $\{\emptyset\}$ .

(14) a. kœpeko si:ni ne hojeno  
matar onça PART homem  
'a onça mata/ou o homem'

b. oyokoati Aronaldo ra Marlene (Silva 2013: 222)  
gostar Aronaldo PART Marlene  
'o Aronaldo gosta da Marlene'

Observa-se, no quadro (4), a composição estrutural da maioria das sentenças transitivas com argumentos plenos em terena, bem como e o tipo de marcação morfológica de caso aqui proposta:

**Quadro 4:** Estrutura sintática transitiva e marcação de caso morfológico

VERBO	SN(A)	SN(O)
Sem afixo pronominal	Sem indicador específico de caso (não-marcado)	Com $\{ne\}$ determinante identificador de caso (marcado)
V	NOMINATIVO	ACUSATIVO

Segundo Butler & Ekadhl (2012: 74), se numa sentença transitiva terena ocorrer apenas um SN pleno, observa-se que este poderá ser de função A ou de função O, quando o verbo apresenta o morfema  $\{-a\}$  de função O e o único SN pleno ocorre com a partícula  $\{ne\}$  ou  $\{ra\}$  (cf. 15a). Tal ambiguidade será rescindida se o verbo ou o único SN pleno identificar A ou O. O verbo quando marcado com a função O  $\{-a\}$  ou  $\{-a -hiko\}$  sendo a função A identificada com o SN pleno. E, quanto ao único SN pleno marcado com a partícula  $\{ne\}$  ou  $\{ra\}$  identificadora de caso acusativo, quando este codificar a Função O plena e não afixada por  $\{-a\}$  ou  $\{-a -hiko\}$  (cf. 15b). Não ocorrendo nenhuma das identificações aqui expressas (cf. 15c), o verbo irá codificar A e a função de O poderá vir sem marca morfológica de caso acusativo.

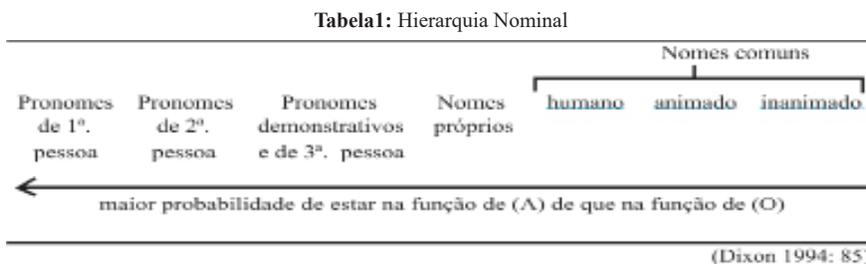






Nos dados (19 a e b), o SN em função de S é preenchido por pronominais e como no mecanismo de referência cruzada, S, no mesmo caminho que A e distinto de O, marcam caso nominativo. Nos dados (20 a e b), o SN em função de S é preenchido por nominais num mesmo caminho que O, portanto absoluto como num sistema em que se opere  $S=O/A$ .

A partir da noção de que certos núcleos de SNs são mais propensos a ser o controlador do evento (ou da ação), enquanto outros menos propensos e outros não são nada propensos, Dixon (1994) propõe uma *Hierarquia Nominal* dos constituintes dos SNs que indica as motivações das cisões intransitivas. Observa-se abaixo a representação do diagrama proposto por Dixon.



Em síntese, apreende-se que o condicionamento dos SNs em função de S cindidos em terena é propriamente semântico e distingue Sa de So pautando-se na hierarquia nominal proposta por Dixon (cf. Tabela 1). Em trabalhos futuros serão melhor examinadas tais motivações semânticas em terena.

É possível apreender ainda que o principal tipo de condicionamento resultante na cisão intransitiva terena se refere à **natureza semântica dos núcleos dos SNs**. O tipo de preenchimento do núcleo de um SN, se nominal ou pronominal, pode apresentar diferentes sistemas de marcação flexional de caso. Foi mostrado acima que a língua terena incide distintas estratégias de marcação de caso a considerar a natureza dos núcleos de seus SNs, se pronominal é *nominativo*, se nominal - *absolutivo*.

## 5.2. Fluído-S condicionado pela natureza semântica do verbo

Quanto ao outro condicionamento, também de natureza semântica: Aquele que diz respeito à natureza do verbo. Parte-se dos trabalhos de Butler (2012, 2014, 2003) nos quais a autora distingue os intransitivos em *estativos* e *ativos* em terena e infere-se, por fim, a respeito dessa distinção também retratar o condicionamento do sistema Fluído-S nessa língua.

Butler (2003) descreve que em sentenças intransitivas de núcleo estativo manifesta-se a relação estado-paciente, já em intransitivas de núcleo ativo manifesta-se a relação agente-ação. Tal distinção semântica entre núcleos verbais intransitivos em terena consiste no fato de que verbos ativos expressam ações, eventos e processos enquanto que os estativos codificam noções que normalmente se esperam se expressas por adjetivos (Seki 1990).

*Verbos ativos.*

- (21) a. yonone  
3SG+andar  
'(ele) anda/andou'
- b. v-chákovo  
1PL-correr  
'(nós) corremos'

*Verbos estativos.*

- (22) a. upori-ti                    ne            Sofia  
ser.magro-IMPF    PART        Sofia  
'a Sofia está magra'
- b. ehakovo-ne                ne            yu:ão  
correr-PERF                PART        João  
'João já correu'

*Ambivalentes*

- (23) a. imoko    ne            marakaya  
dormir    PART        gato  
'o gato dorme/dormiu'
- b. koyenoti-ne  
ser.casado-PERF  
'ela é casada'

Como os dados demonstram, o argumento único do verbo intransitivo ativo manifesta-se no mesmo caminho que A, sendo semanticamente [+agentivo +controle], exercendo, então, a função S<sub>a</sub> (nominativa) (cf.21) . Já o argumento do verbo intransitivo estativo manifesta-se no mesmo caminho que O, sendo semanticamente [-agentivo –controle], de função S<sub>o</sub> (absolutiva) (cf. 22). Entretanto, por ser uma língua Fluído-S, o terena pode apresentar ainda verbo ativo como S de função *absolutiva* e verbo estativo como S de função *nominativa* (cf. 23).

### 5.3. Fluído-S condicionado pelo fator TAM

A distinção semântica entre núcleos intransitivos ativos e estativos, que distingue as funções de S<sub>a</sub> e de S<sub>o</sub>, apresenta um outro fator motivador para essa cisão, aquele condicionado por TAM. Afere-se que a língua terena apresenta casos de *aktionsart* definido, havendo formas verbais que possuem semântica aspectual lexicalizada. Há formas verbais que expressam aspecto imperfectivo lexicalizado com {-ti}, bem como há formas que expressam aspecto perfectivo com {-ne}.

No que se refere ao condicionamento por TAM, estando a cisão condicionada pelo tempo ou pelo aspecto, a marcação ergativa é sempre estabelecida pelo tempo pretérito ou pelo aspecto perfectivo. Deste modo, tem-se que a cisão TAM em terena consiste em nominativa entre os intransitivos imperfectivos e *absolutiva* entre os perfectivos.

*Verbos de aspecto imperfectivo {-ti}.*

(24) a. huleketi ne homoéhou  
 preguiçoso-IMPF PART moço  
 ‘aquele moço está com preguiçosa’

b. Ineti  
 2SG+NOM.pesado-IMPF  
 ‘você está pesado’

*Verbos de aspecto perfectivo {-ne}.*

(25) a. oje:kə-ne-hiko  
 3-cozinhar-PERF-PL  
 ‘(ele) já cozinhou’

b. ivokovo-ne ra mbeyo kamo  
 morrer-PERF PART 1SG.POSS cavalo  
 ‘meu cavalo morreu’

*Verbos ambivalentes com {-ti} ou {-ne}.*

(26) a. funafī ne petru  
 ser.forte-IMPF PART Pedro  
 ‘Pedro está forte’

b. funa-ne ne petru  
 ser.forte-PERF PART Pedro  
 ‘Pedro ficou forte’

(27) a. mɔ:kə-ŋī ne tamuku  
 latir-IMPF PART cachorro  
 ‘o cachorro está latindo’

b. mɔ:kə-ne ne tamuku  
 latir-PERF PART cachorro  
 ‘o cachorro já latiu’

Há ainda verbos em que a semântica aspectual não é especificada pelo núcleo verbal, porém podem codificar tanto as propriedades semânticas do aspecto imperfectivo [+durativo +inerente], quanto propriedades semânticas do aspecto perfectivo [+concluso +transitório]. Como demonstra os dados (25 e 26), tal ambivalência credita à análise de fluidez intransitiva em terena, própria de sistemas Fluído-S.

## 6. Considerações finais

Este artigo dispõe de uma análise primeira dos mecanismos de codificação de caso na língua terena (aruák), notificando, deste o título, que o mais evidente mecanismo de codificação de caso nesta língua é o do sistema de referência cruzada, em que as funções de SAO são indexadas ao núcleo verbal num alinhamento *nominativo-acusativo*. A perspectiva teórica empregada na discussão sobre sistemas de marcação de caso é funcionalista e a abordagem adotada é funcional-tipológica.

Quanto ao mecanismo de marcação morfológica de caso em terena, considerando que a distinção das funções de SAO, tem-se que se dá num alinhamento cindido *nominativo/absolutivo*. E, que as combinações VS/VAO e s-V/A-V-O ordena as mesmas funções por meio de uma mistura de estratégias também nominativo/absolutivo intraclausal que pode ser condicionada por diferentes fatores de cisão intransitiva.

São três os fatores condicionadores da cisão intransitiva terena: i) *o condicionamento pela natureza semântica dos SNs* (se nominal - absolutivo, se pronominal - nominativo); ii) *o condicionamento pela natureza semântica do núcleo intransitivo* (preferencialmente nominativo, se ativo, se estativo, *absolutivo*), e iii) *o condicionamento pelo fator TAM* (preferencialmente nominativo, se imperfectivo, se perfectivo, absolutivo). Entretanto, é o fator i) *do condicionamento pela natureza semântica dos SNs* que se propõe aqui ser o fator que condiciona a intransitividade cindida que advém num *sistema de Fluido-S* em terena.

### Referências bibliográficas

- ABA-Associação Brasileira de Antropologia (1954). Convenção para a grafia dos nomes tribais. *Revista de Antropologia* 2(2): 150-152.
- Aikhenvald, Alexandra Y. (1999). The Arawak language family. In R. M. W. Dixon; Alexandra Y. Aikhenvald (orgs.). *The Amazonian languages*, pp. 64-106. Cambridge: Cambridge University Press.
- Blake, Barry J. (1994). *Case*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bouquiaux, Luc; Thomas Jacqueline M. C. (1992). *Studying and describing unwritten language*. Dallas: SIL.
- Butler, Nancy Evelyn (2003). The multiple functions of the definite article in Terena. *Série Linguística*. SIL. Disponível em: <http://www-01.sil.org/americas/brasil/publcn/ling/TNArticl.pdf>
- Butler, Nancy Evelyn; Ekdahl, Elizabeth Muriel (2012). *Aprenda Terena*, vol. 1. Versão Online em: <http://www-01.sil.org/americas/brasil/publcn/edu/AprTE-V1.pdf>
- Butler, Nancy Evelyn; Ekdahl, Elizabeth Muriel (2014). *Aprenda Terena*, vol. 2. Versão Online: <http://www-01.sil.org/americas/brasil/publcn/edu/AprTE-V1.pdf>
- Cardoso, Valéria F. (2012). Ergatividade, acusatividade e sistemas cindidos. In Edson Rosa (org.). *Funcionalismo linguístico: Análise e descrição*, pp. 225-247. São Paulo: Editora Contexto.
- Comrie, Bernard (1981). *Language universals and linguistic typology. Syntax and morphology*. Chicago: Chicago University Press.
- Comrie, Bernard; Smith, Norval (1977). Lingua descriptive series: questionnaire. *Lingua* 42: 1-72.
- Dixon, R. M. W. (1979). Ergativity. *Language* 55(1): 59-138.
- Dixon, R. M. W. (1994). *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Matthewson, Lisa (2004). On the methodology of semantic fieldwork. *International Journal of American Linguistics* 70 (4): 369-415.
- Mithun, Marianne (1991). Active/agentive case marking and its motivation. *Language* 67(3): 510-546.

- Nascimento, Gardenia. B. N. (2012). *Aspectos gramaticais da língua terena* (Dissertação de mestrado). Belo Horizonte: UFMG.
- Palmer, Frank R. (1994). *Grammatical roles and relations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rosa, Andréa M. (2010). *Aspectos morfológicos do Terena (Aruák)* (Dissertação de mestrado). Três Lagoas, MT.: UFMS/CPTL.
- Rosa, Andréa M.; Souza, Claudete C. (2011). O verbo em terena: morfemas flexionais. In Pedro Dercir Oliveira (org.). *Estudos linguísticos: gramática variação*, pp. 137-162. Campo Grande: Editora UFMS.
- Rodrigues, Aryon D. (1994). *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.
- Rodrigues, Aryon D. (2013). *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB. Disponível em: <http://www.laliunb.com.br>. Acesso em: 01 de setembro de 2016.
- Samarin, William J. (1967). *Field linguistics: A guide to linguistic field work*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Seki, Lucy (1990). Kamairá (Tupi-Guaraní) as an active-stative language. In Doris L. Payne (ed.). *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*, pp. 367-391. Austin, Texas: University of Texas Press.
- Silva, Denise (2013). *Estudo lexicográfico da língua terena: proposta de um dicionário bilingue terena-português* (Tese de doutorado): Araraquara: UNESP.
- Souza, Ilda (2008). *Koenukunoe emo 'u: a língua dos índios kinikinau* (Tese de doutorado). Campinas: UNICAMP.
- Zúñiga, Fernando (2006). *Deixis and alignment. Inverse systems in indigenous languages of the Americas*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.

## Abreviaturas

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
A	sujeito transitivo
ABS	absolutivo
AC	acusativo
DET	determinante
ENF	enfático
ERG	ergativo
FUT	futuro
IMPF	imperfectivo
LOC	locativo
NOM	nominativo
O	objeto transitivo
PART	partícula

PERF	perfectivo
PL	plural
POSS	posse
PRO	pronome
real	modo realis
Sa	sujeito intransitivo ativo
SG	singular
So	sujeito intransitivo inativo
t	temática.

Recebido: 1/9/2016

Versão revista 1: 28/10/2016

Versão revista 2: 9/3/2017

Aceito: 13/3/2017.